

JORNALDA

ADUFRJ

PROFESSOR
MUNIZ SODRÉ
FALA SOBRE POLÍTICA,
IMPrensa, ÓDIO
E REDES. P. 4 E 5

FERNANDO SOUZA

Nº 1.398 . 22.09.2026 . www.adufrj.org.br . TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj



**Vamos
fazer fotos e
vídeos de apoio
ao presidente.
Participe e chame
os colegas!
1º de outubro,
meio-dia, Escadaria
do bloco A do CT**

PROFESSORES DA UFRJ COM LULA

EXPEDIENTE

REDAÇÃO

Editora-Chefe:
ANA BEATRIZ MAGNOEditor de Arte:
ANDRÉ HIPPERTTChefia de Reportagem:
KELVIN MELOEdição e Reportagem:
KELVIN MELO
SILVANA SÁFotografia:
FERNANDO SOUZA
ALESSANDRO COSTA
JOÃO LAETTI
MARCELO BRASIL

COTIDIANO

CLÁUDIA MORGADO É A PRIMEIRA DECANA DA HISTÓRIA DO CT

A professora Cláudia do Rosário Vaz Morgado, ex-diretora da Escola Politécnica, tomou posse como decana do Centro de Tecnologia, no dia 15. É a primeira mulher a assumir o cargo. “Fui a primeira mulher em 226 anos de história a dirigir a Escola Politécnica da UFRJ, a mais antiga escola de Engenharia das Américas. E assumo agora como a primeira decana do CT. Não trago esses marcos como troféus. Trago-os com responsabilidade”, afirmou, na solenidade realizada no Auditório Horto Barbosa, no bloco A do CT.

“Entendo que o significado destes marcos não está em mim, mas no que eles podem inspirar. Que as profissionais e estudantes de Engenharia sigam sempre em frente, até onde seus talentos, esforços e competência puderem levá-las. Sem obstáculos”, completou.

A nova decana também solicitou a colaboração de todas para o mandato recém-iniciado. “Os grandes desafios se superam com união e integração de esforços. Essa é a síntese de experiência de gestão que vivi nos últimos oito anos à frente da Escola Politécnica e que trago, agora renovada, para o conjunto do Centro de Tecnologia”, disse Cláudia. “O CT precisa estar em sintonia com o mundo contemporâneo, para dar impulso ao processo civilizatório brasileiro”, completou.



UC/DIVULGAÇÃO

I ENCONTRO DE TEATRO ESTUDANTIL

O palco do Teatro Carlos Gomes, no Centro, foi ocupado por estudantes da rede pública estadual no dia 14 de setembro durante o I Encontro de Teatro Estudantil do Estado do Rio de Janeiro. No evento, promovido pela Universidade da Cidadania da UFRJ, jovens de sete escolas apresentaram esquetes criadas a partir de suas próprias inquietações e formas de enxergar o cotidiano.

O encontro foi resultado de um trabalho desenvolvido ao longo dos últimos meses pela Caravana da Cidadania, iniciativa que aproximou o órgão do Fórum de Ciência e Cultura das escolas estaduais.

Para Eleonora Ziller, diretora da Universidade da Cidadania, essa liberdade foi um dos principais resultados do projeto. “O que mais me emocionou foi perceber que os estudantes foram, de fato, os protagonistas do encontro. Eles ocuparam o Teatro Carlos Gomes com suas histórias, suas inquietações e seu próprio jeito de fazer teatro”, disse. “O momento final, quando tomaram o palco para cantar e dançar juntos, sintetizou o que buscávamos desde o início: criar um espaço que fosse realmente deles”, completou.

KELVIN MELO



O reitor Roberto Medronho prestigiou a cerimônia. “Ser decana de um centro dessa dimensão significa coordenar diferenças, construir consensos, estimular cooperação entre unidades e, sobretudo, criar condições para que professores, técnicos e estudantes possam realizar plenamente aquilo que sabem fazer: ensinar, pesquisar, inovar e transformar a sociedade”, disse. “A nova decana, desejo uma gestão marcada pelo diálogo, capacidade de agregar e pela

ousadia de construir novos caminhos. E isso sei que a senhora faz com muita eficiência. A reitoria estará ao lado do CT nessa caminhada”.

Decano nos últimos oito anos, o professor Walter Suemitsu agradeceu o trabalho de toda a equipe e desejou sorte à nova dirigente. “Conheço a professora Cláudia. Ela é muito competente, muito trabalhadora. Acho que ela vai fazer uma ótima gestão”, afirmou.



REPRODUÇÃO/INTERNET

ADEUS AO MESTRE CARLOS RUSSO

A ADUFRJ manifesta profundo pesar pelo falecimento do professor emérito Carlos Russo, grande referência da Engenharia Química da UFRJ, no início de setembro. O docente acumulava uma trajetória de mais de cinco décadas dedicadas ao ensino, à pesquisa, à formação acadêmica e à gestão universitária.

Formado em Engenharia Química e Química Industrial pela antiga Universidade do Brasil em 1963, Russo obteve seu mestrado na UFRJ e o doutorado pela Universidade de Leeds, na Inglaterra. Ingressou no corpo docente da UFRJ em 1968. Na Coppe, coordenou o Programa de Engenharia Química (1975–1981). Entre 1986 e 1990, foi decano do Centro de Tecnologia. Sua produção acadêmica foi pioneira no tratamento e reaproveitamento de resíduos e controle da poluição.

Mesmo após sua aposentadoria em 1995 — e de sua importante atuação na implantação da Química Ambiental na Uerj —, o professor Russo manteve vínculo ativo com a UFRJ. Em 2009, todo esse empenho e dedicação à universidade pública foram reconhecidos, ao receber o título de Emérito.



DIVULGAÇÃO

UFRJ NA FEIRA GASTRONÔMICA E CULTURAL DE MACAÉ

A UFRJ levou ciência, extensão e cultura para o coração da 15ª Feira Gastronômica e Cultural de Macaé, de 9 a 13 de setembro. A ação contou com a participação de 14 projetos de cinco centros da universidade (CCS, CCMN, CT, CLA e o Centro Multidisciplinar UFRJ-Macaé).

Rodrigo Nunes da Fonseca, ex-diretor da ADUFRJ e professor do Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade, ressaltou o caráter inédito da presença institucional. “A universidade não pode ficar restrita aos seus muros. Ela precisa estar onde as pessoas estão e aproveitar esses grandes eventos da cidade para mostrar, de forma acessível, aquilo que produz em pesquisa, ensino, extensão, cultura e inovação”, disse.

O Fórum de Ciência e Cultura organizou o estande da UFRJ no evento. “Articular a presença da UFRJ em um espaço como a Feira Gastronômica é cumprir o papel fundamental do Fórum de Ciência e Cultura: conectar o saber científico à arte, à cultura popular e às demandas da sociedade”, celebrou a coordenadora Christine Ruta.

CONSUNI

ADUFRJ DEFENDE SINDICÂNCIA PARA AGRESSÕES ENTRE ALUNOS DO IFCS

As agressões físicas sofridas pelo estudante de História, Diego Costa Araújo, na escadaria do IFCS em 25 de agosto, mobilizaram o último Consuni do dia 10. Acusado de fazer apologia ao nazismo, Diego foi retirado de sala de aula por colegas e depois espancado. Os alunos dizem que a pancadaria começou quando Diego proferiu acusações racistas contra um estudante do Direito que lhe deu voz de prisão. Diego nega o nazismo e o racismo.

O caso ganhou destaque na imprensa nacional e expôs a imagem da universidade na véspera de uma das eleições mais delicadas da história do Brasil. A polícia abriu três inquéritos e a universidade instaurou uma sindicância para apurar as responsabilidades. Durante o Consuni, a presidenta da ADUFRJ, professora Ligia Bahia, defendeu a sindicância para os acontecimentos. “A justiça significa punição para atos que não deveriam ter ocorrido. E significa amplo direito à defesa para todos”, disse. “Porque a universidade não é o lugar de violência”, completou.

Diretor do Instituto de Economia, o professor Carlos Frederico Leão Rocha chamou atenção para o artigo 207 da Constituição, que confere autonomia às universidades. “Ele resulta na impossibilidade de entrada da polícia nos campi da UFRJ. Isso é especial. Por causa disso, ninguém pode dar voz de prisão nas universidades”, falou, em referência aos acontecimentos do IFCS, quando o aluno do Direito teria dado voz de prisão a Diego.

O professor Joaquim Martins leu nota do Conselho de Minerva — instituição de ex-alunos da universidade. O conselho cobra “providências transparentes e rigorosas com integral respeito às garantias individuais e aplicação das sanções cabíveis àqueles cujas responsabilidades forem comprovadas. Que prevaleçam, acima das paixões e do radicalismo, a justiça e a paz”.

Já as representantes estudantis apresentaram outro ponto de vista. Uma delas, a aluna Brenda Souza Quinta argumentou que “o sujeito estava sendo conduzido para fora da universidade, mas ele reagiu violentamente e proferiu palavras racistas para um colega”. A representante estudantil defendeu que a universidade não responsabilize os alunos que “se defenderam de ataques nazistas e ataques racistas”.

ADUFRJ LIDEROU REUNIÃO PARA DEFENDER AUTORIDADE DOCENTE EM SALA DE AULA

A diretoria da ADUFRJ acompanha com preocupação o episódio do IFCS-IH e alerta para a importância de se garantir a plena autoridade do professor — no confronto de 25 de agosto, a aula da professora Sabrina Moehlecke, da Faculdade de Educação da UFRJ, foi interrompida pelos alunos que retiraram o colega, sob a acusação de nazismo.

Para refletir sobre o tema, cobrar ações administrativas e propor medidas de garantia da segurança e da qualidade do trabalho docente, a diretoria da ADUFRJ organizou uma reunião no dia 4 de setembro, no campus da Praia Vermelha. No encontro, professores de diversas unidades manifestaram preocupação com

o crescimento de confrontos dentro do campus.

“Temos que garantir a inviolabilidade da sala de aula. O professor é a autoridade em sala. Ela não pode ser invadida por quem quer que seja”, assinalou Carlos Frederico Leão Rocha, diretor do Instituto de Economia. “Estou na Universidade desde 1971. A universidade mudou muito. No IFCS, há um trânsito de quase 2 mil pessoas por dia num prédio histórico que não tem condições para isso. O clima está muito tenso e qualquer medida mais firme gera reação dos alunos. É preciso ter coragem”, ponderou o professor Paulo Baía, aposentado do IFCS.

O professor João Torres lamentou o confronto e sua enorme repercussão negativa

nas redes. “Não podemos ser justiceiros na universidade. Não importa o motivo do início da briga”, disse.

O professor César Lemos, do Instituto de História, contou que estava no IFCS no dia da briga e fez um impactante desabafo. “Está inviável trabalhar ali. Nossas salas de aula não estão adaptadas à nossa realidade. São salas antigas com cadeiras presas no chão. O elevador está quebrado há dois meses. Temos professores de idade avançada. A insegurança em volta do prédio é terrível. Temos que terminar as aulas noturnas mais cedo por conta da violência”, conta o docente. “O que aconteceu no dia 25 foi de uma violação absoluta ao exercício docente. Como sindicato, temos que colocar essa

posição de forma muito enfática de defesa do trabalho digno dos professores”.

A professora Luísa Ketzner, do Campus de Caxias e diretora da ADUFRJ, ressaltou que as condições precárias de trabalho têm impacto na saúde dos docentes. “Temos um crescimento cada vez maior de adoecimento na universidade”, lamentou.

A presidenta da ADUFRJ, professora Ligia Bahia, propôs criar um sistema de orientação dos professores. “Podemos seguir o exemplo da Unicamp e produzir uma cartilha para os docentes”, lembrou. Outros dois pontos que a diretoria irá cobrar da reitoria da UFRJ são a instalação de câmeras no IFCS-IH e a agilidade nos resultados da comissão interna de sindicância.

FERNANDO SOUZA



DISCURSO DA PRESIDENTA DA ADUFRJ, LIGIA BAHIA

“Bom dia a todos!”

Parabéns, em nome da ADUFRJ, pela cerimônia de ontem — de diplomação dos professores e estudantes mortos e desaparecidos na ditadura. Uma cerimônia extremamente emocionante para todos nós, inclusive, que participamos muito dos movimentos estudantis aqui na UFRJ. Quero aproveitar para agradecer o apoio que a UFRJ me deu pelo ataque da extrema direita a mim. Eu fui processada pelo Conselho Federal de Medicina e queria dar a boa notícia que fui completamente absolvida pela Justiça. Então, muito obrigada!

Nós somos muitos os que lutam pela universidade. Nós da ADUFRJ, neste momento, estamos lutando pela universidade. Nós consideramos que houve no IFCS uma ameaça à autonomia da universidade. É um paradoxo. Na realidade, nós trouxemos a possibilidade de não termos autonomia na UFRJ com o ataque no IFCS. Nós queremos retomar a autonomia da UFRJ.

A ADUFRJ está apoiando a sindicância. Nós queremos que essa sindicância corra muito rápido e que seus resultados sejam divulgados amplamente. Isso é fundamental para que a UFRJ retome a sua autonomia. É a UFRJ que vai decidir quais são as regras, o que pode e o que não pode. Nós temos regras e essas regras têm que ser cumpridas.

A ADUFRJ solicita e reitera à reitoria da UFRJ os pedidos de segurança, inclusive com instalação de câmeras imediatamente no IFCS. Isso é possível, é viável. Estamos reforçando o nosso compromisso aqui com a justiça. A justiça significa punição para atos que não deveriam ter ocorrido. E significa amplo direito à defesa para todos.

A ADUFRJ, inclusive, neste momento, quer se colocar à disposição para garantir a ampla defesa, mas, ao mesmo tempo, cobrar justiça. Porque a universidade não é o lugar de violência. A universidade é o lugar da democracia. A universidade é o lugar do pluralismo. A universidade não é o lugar de totalitarismo, não é o lugar de autoritarismo. Portanto, nós estamos aqui apoiando a autonomia da nossa universidade. Obrigada a todos.”



FERNANDO SOUZA

“A MENTIRA É VIOLENTA”

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

Em entrevista exclusiva para o **Jornal da ADUFRJ**, o professor Muniz Sodré, emérito da UFRJ e um dos maiores especialistas em comunicação do país, analisa as mudanças éticas e políticas no debate público brasileiro. Para o pesquisador, o conceito tradicional de “comunicação de massa” perdeu espaço para um ecossistema de “desinformação massiva”, no qual a mentira opera como violência deliberada.

O tema ganha ainda mais relevância na medida em que nos aproximamos das eleições deste ano. Discutindo os rumos da democracia, o papel dos algoritmos, as contradições da imprensa e o papel da universidade, Muniz Sodré defende que a reação contra o autoritarismo exige ética, o fortalecimento da universidade pública e o combate às desigualdades raciais e sociais no ambiente acadêmico.

■ **Jornal da ADUFRJ** – O senhor tem defendido que o espaço público brasileiro passou por uma mutação estrutural. Olhando para o cenário atual, quais são as principais permanências e rupturas entre a comunicação de massa e a manutenção da democracia?

● **Muniz Sodré** – Não existe mais esse conceito de comunicação de massa; eu chamaria de desinformação massiva. Com a era eletrônica e a internet, a informação passou a ser o solo social onde caminhamos — queiramos ou não — com duas pernas: uma no chão concreto, da casa, da rua, dos ambientes analógicos, e a outra no espaço das redes, da suposta informação. A informação, portanto, é estruturante da sociedade.

■ **E como essa desinformação massiva afeta as decisões da sociedade?**

● A informação sob a égide da comunicação de massa tinha muito erro, mas o erro é parte do processo na construção da verdade. O jornalista, quando erra, é obrigado a se retificar. A mentira é diferente. Ela é a intenção de enganar, é uma ferida ética que traz estragos enormes no comportamento público. Sob a égide da mentira há violência, mesmo que simbólica. E o panorama eleitoral hoje é de uma mentira deslavada. Do governo Bolsonaro para cá, estamos sob o império da mentira, que passa de pai para filho e chegou ao Supremo. O Estado passou a mentir também, e isso é muito grave.

■ Recentemente, a veiculação de uma entrevista com o ex-policia Ronnie Lessa e um episódio de agressão no IFCS/UFRJ geraram intensos debates na mídia e nas redes. Esse foi um tema, inclusive, de recente artigo seu na Folha.

● Eu já condeno várias pessoas agredirem uma, seja quem for — comunista, torcedor de futebol ou fascista. Várias pessoas atacando uma é covardia, e precisa haver punição. Também não gosto de provocação, e o IFCS é sabidamente um ambiente de jovens progressistas. De toda forma, nada justifica a agressão, e nem um manifesto de professores apoiando estudantes agressores antes de qualquer sindicância.

■ **E qual foi o papel da imprensa carioca na cobertura desse caso da UFRJ comparada à entrevista do caso Ronnie Lessa?**

● Eu já trabalhei em redação e sei que há um clima geral nas redações de não gostar da universidade pública e um certo desrespeito à linguagem acadêmica. Há um ranço contra a maior universidade do país. Então, um incidente condenável de estudantes ganha uma enorme repercussão, enquanto a entrevista do matador da Marielle Franco — em que ele diz que não é verdade que matou mil pessoas, mas que “pode ser mais” — passa sem que ninguém se scandalize ou questione. Que jornalismo é esse? Será que a cidade se aliou de tal forma ao crime que associa bofetadas de estudantes a um linchamento? Teve até jornalista que men-



Sei que a alternativa para o país é o Lula. Nós já vimos o que foi o governo Bolsonaro. O Lula tem mil defeitos, mas é um nacionalista. Ele reage, enfrenta Trump. É a emoção que vai nos resgatar do abismo, e dizer que estamos à beira do abismo não é figura literária. Metade da população do nosso país foi enganada pela extrema direita.

tiu dizendo que o reitor Roberto Medronho foi conivente, quando a posição dele foi exemplar. O jornalista, hoje, deve ser mais responsável do que nunca. Jornalismo tem que ter uma posição ética.

■ **Além da imprensa tradicional, os algoritmos das redes sociais assumiram um papel central na disputa de narrativas. De que maneira eles reeditam a opinião pública e o debate eleitoral?**

● Os algoritmos são mídia, só não querem assumir o nome para não terem responsabilidade. Você não tem controle sobre eles,

e é algo muito perigoso. A TV não tem mais a mesma influência no pleito; a influência vem mais das redes. As redes mobilizam a emoção dos eleitores. No entanto, não há comprovação de que o algoritmo constitua eleitores por si só. De qualquer modo, a campanha passou da criação de um espírito de debate televisivo para essa zona difusa de exposição. A exposição é você ampliar a ambiência a ponto de você não ser só o que diz, mas também o que não diz (mas demonstra) — pela roupa, pela postura, pelo comportamento. É o que se chama de influência. Não é só a ideia. Substituiu-se o debate da televisão pela influência da rede, que ainda não está totalmente estudada.

■ **Temos visto a extrema direita crescer no Brasil e no mundo. Em ano eleitoral, como a imprensa pode equilibrar a visibilidade dada a todas as correntes e, ao mesmo tempo, proteger a democracia de formulações autoritárias?**

● Toda grande imprensa tende para a direita, mas não para a extrema direita. A imprensa tem o papel importante de equilibrar a relação com a centro-direita e a esquerda, na medida em que combate a extrema direita. Sempre houve algum pudor, que foi quebrado pelo extremismo de Bolsonaro, que é obscuro e monstruoso. Nenhum jornal pode ser a favor da extrema direita. A imprensa é fundamental para restaurar esse equilíbrio entre a centro-direita e a esquerda.

■ **E quem seria o melhor candidato no cenário atual?**

● É claro que eu voto no Lula — não porque o ame. Fiz parte do primeiro Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, no Lula 1, e, no segundo mandato, fui presidente da Biblioteca Nacional, mas nunca fui filiado a qualquer partido ou ao próprio PT. Sou um sócio-filósofo, um filósofo militante. Sei que a alternativa para o país é o Lula. Nós já vimos o que foi o governo Bolsonaro. O Lula tem mil defeitos, mas é um nacionalista. Ele reage, enfrenta Trump. É a emoção que vai nos resgatar do abismo, e dizer que estamos à beira do abismo não é figura literária. Metade da população do nosso país foi enganada pela extrema direita.

■ **Diante do acirramento ideológico e do avanço de discursos anti-intelectualistas, qual deve ser a postura da universidade pública? Ela deve operar estritamente para preservar o saber crítico ou precisa repensar suas formas de mediação com a sociedade?**

● As formas de mediação com a sociedade devem ser repensadas e precisam ser reformuladas. Por exemplo, é muito importante fortalecer as atividades de extensão. Também penso que é necessário que a universidade mude sua postura interna em relação às humanidades. A universidade cuida relativamente bem de suas áreas tecnológicas, enquanto as humanidades são ainda muito mal tratadas.

■ **Como a universidade pode contribuir para a reconstrução da cidadania em tempos de polarização?**

● Nós temos dois tipos de polarização: a política e a afetiva. Às vezes, a polarização política contamina e deteriora as relações afetivas, de amizade e de trabalho. Não creio que a universidade possa fazer algo da porta para fora sobre essa crise de afetividade na sociedade. Mas, internamente, ela pode. Em vez de colonizar as suas turmas, a universidade deve passar a “colorizá-las”, promovendo a mistura de cores com negros, indígenas, pardos e pretos retintos. A universidade fica mais forte quando permanece em sua tarefa de ensino, pesquisa e extensão, mantendo uma posição progressista, democrática.



FOTOS: ALESSANDRO COSTA

BACHARÉIS DA DEMOCRACIA: UFRJ DIPLOMA MORTOS NA DITADURA

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

Mônica Fonseca foi a primeira a ser chamada. Atravessou o corredor central do lotado Salão Nobre do Fórum de Ciência e Cultura e recebeu, sob demorados aplausos e bastante emocionada, o título de bacharel em Filosofia do irmão, Adriano Fonseca. Era o início da diplomação póstuma dos 24 alunos e dois professores vítimas da ditadura na UFRJ, no dia 9 de setembro.

Moradora de Belo Horizonte e professora universitária aposentada da PUC Minas, Mônica não pensou duas vezes sobre a viagem de mais de 400 quilômetros que precisou fazer até o Rio para a homenagem. “Não poderia deixar de comparecer, uma vez que reconheço a importância, o significado e a necessidade dessa reparação, o significado e a necessidade dessa reparação, o significado e a necessidade dessa reparação”, disse ao Jornal da ADUFRJ.

Seu irmão, conhecido como Adrianinho, atuante na guerrilha do Araguaia, foi executado em 1973 pelo Exército. O corpo nunca foi encontrado. A família jamais teve acesso a documentos que pudessem esclarecer as atrocidades praticadas contra ele e os demais mortos na região.

“Há 50 anos, nós da família do Adriano lutamos por reparação e justiça. Assim, essa homenagem da universidade onde ele estudou, apesar de ter demorado tanto, foi importante e justa no reconhecimento e denúncia dos crimes cometidos pela ditadura de 1964, contra o povo em geral e sua juventude, em particular. Adriano foi assassinado com 27 anos”, completou.

Mônica, a exemplo de todos os familiares

que puderam comparecer ao evento, recebeu o diploma confeccionado no mesmo tipo de papel dos títulos conferidos pela universidade na década de 1970. “Vou emoldurar o diploma e colocá-lo na ‘galeria’ de retratos da família, que fica no corredor que dá acesso aos quartos, na casa dos nossos pais, onde nascemos, que ainda existe, plena de memória!”, contou.

REPARAÇÃO

José Sérgio Leite Lopes, professor emérito e coordenador da Comissão da Memória e Verdade da UFRJ, deu o tom da solenidade. “Como sabemos, os títulos e diplomas representam uma parte importante da produção universitária, a materialização do ensino do aprendizado incorporado durante alguns anos dos alunos graduados. No entanto, no caso desta diplomação simbólica realizada hoje, ela se materializa numa forte dimensão de afeto coletivo, de memória social e de reparação de injustiça”, disse. “A UFRJ se junta assim aos movimentos e processos de diplomação simbólica de estudantes mortos e desaparecidos, que tem se realizado em diferentes universidades nestes últimos dois anos”, completou.

Junto à diplomação póstuma, a solenidade comemorou os 106 anos da UFRJ. “Queríamos que esta diplomação póstuma fizesse parte, sim, dos 106 anos da UFRJ. Porque celebrar a universidade é também reconhecer aqueles que lhe foram arrancados. E os futuros que, com eles, foram interrompidos. A democracia depende dessa coragem. Porque o esquecimento nunca é neutro”, afirmou a professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura.

A vice-reitora, professora Cássia Turci, também fez referência à história da universidade. “Diplomar nossos mortos e desaparecidos é um compromisso direto com os

próximos 106 anos da UFRJ. Não há futuro democrático sem o enfrentamento corajoso do passado. A universidade pública é, por essência, o espaço do contraditório, da pluralidade e da emancipação. No momento em que conferimos esses graus retiramos o véu do esquecimento e dizemos em alto e bom som: a universidade lembra, a universidade repara, a universidade resiste”.

Antigos companheiros de luta dos homenageados também marcaram presença na solenidade. O presidente do Diretório Central dos Estudantes em 1968, Franklin Martins, destacou a dura tarefa de resistência à ditadura, um inimigo terrível e mais poderoso: “Cometemos erros, claro. Mas nós lutamos o tempo todo, mesmo errando. Isso deixou uma marca fortíssima e essa marca chegou até os nossos dias. Lutar é fundamental”, disse o ex-ministro da Secretaria de Comunicação do Brasil no governo Lula.

O reitor, professor Roberto Medronho, citou o fracasso daqueles que tentaram apagar os nomes dos homenageados da história da universidade. “Uma ditadura pode prender o corpo de um companheiro. Censurar um jornal, perseguir um professor, um estudante, mas há algo que o autoritarismo nunca conseguirá controlar completamente: a memória. E é por isso que estamos aqui. Aqueles que tentaram apagar essas vidas fracassaram. Porque hoje nós pronunciamos seus nomes, entregamos os diplomas, reverenciamos os docentes, cantamos suas histórias e os devolvemos à memória da UFRJ”.

“As novas gerações que estudam na UFRJ, façam o pedido: conheçam esses nomes, conheçam suas histórias, perguntem o que aconteceu com eles, contem aos que vierem depois de vocês. Porque cada geração tem a responsabilidade de entregar à geração seguinte uma democracia mais forte do que aquela que recebeu”, concluiu.

LISTA DE TODOS OS DIPLOMADOS

PROFESSORES
Lincoln Bicalho Roque (Ciências Sociais)
Raul Amaro Nin Ferreira (Engenharia)

ALUNOS
Adriano Fonseca (Filosofia)
Fernandes Filho (Belas Artes)
Ana Maria Nacinovic (Belas Artes)
Antônio de Pádua Costa (Física)
Antônio Teodoro de Castro (Farmácia)
Antônio Sérgio de Matos (Direito)
Arildo Ailton Valadão (Física)
Áurea Eliza Pereira Valadão (Física)
Ciro Flávio Salazar e Oliveira (Arquitetura)
Fernando Augusto da Fonseca (Economia)
Flávio Carvalho Molina (Química)
Frederico Eduardo Mayr (Arquitetura)
Guilherme Gomes Lund (Arquitetura)
Hélio Luiz Navarro (Química)
Jana Moroni Barroso (Biologia)
José Roberto Spiegner (Economia)
Kleber Lemos da Silva (Economia)
Luiz Alberto Andrade de Sá e Benevides (Economia)
Maria Célia Corrêa (Ciências Sociais)
Maria Regina Lobo Leite Figueiredo (Educação)
Mário de Souza Prata (Engenharia)
Paulo Costa Ribeiro Bastos (Engenharia)
Solange Lourenço Gomes (Medicina)
Sônia Maria Lopes de Moraes (Economia)
Stuart Edgard Angel Jones (Economia)

HOMENAGEM PÓSTUMA



DEPOIMENTO DOS FAMILIARES

MÁRIO NACINOVIC, Pesquisador da Coppe, irmão de **Ana Maria Nacinovic**



É com muita emoção que recebo esse diploma. A memória fica resguardada. Minha irmã não

morreu em vão. Se nós temos a democracia hoje, se eu posso dar essa entrevista para você, é porque a Ana Maria e tantos outros guerreiros deram suas vidas. A gente não estaria conversando sobre isso agora. Eu estaria silenciado. Eu sou 12 anos mais novo do que ela. Só conheci a Ana Maria uma vez na vida, porque ela já estava na clandestinidade. Foi perto do Leme. Eu tinha 8 anos de idade. Lembro que fiquei meio encabulado, coisa de garoto, porque era uma moça muito bonita.

Fui ao evento com o meu filho Luís Guilherme Nacinovic, que me acompanha sempre nestes momentos. E nós achamos muito bacana a pintura feita pela Ana Maria exposta ao lado da

cerimônia (leia mais na matéria acima). Muitos têm a ideia errada sobre quem vai à luta, quem foi combatente. E essa pintura mostra muito como ela foi: uma pessoa sensível. Já mostrei uma foto do diploma para meu primo e minha prima, Ligia Nacinovic, que era muito amiga da Ana Maria e estudaram juntas na EBA. Todos nós ficamos lisonjeados com essa lembrança e essa bela cerimônia da universidade. Vou enquadrar o diploma e guardar em um escritório que tenho em casa.

GILBERTO MOLINA, Engenheiro aposentado, irmão de **Flávio Molina**



O Flávio interrompeu seus estudos na Escola de Química em 1969, perseguido pelas

forças da repressão, adotando uma identidade falsa na clandestinidade, desligando-se da família, amigos e namorada com o objetivo de preservar sua vida, mas foi preso torturado e morto em novembro de 1971, na véspera em que completaria 24 anos. Era quatro anos mais novo do que eu. Seus restos mortais, encontrados na vala clandestina de Perus, foram identificados e sepultados pela família 34 anos depois, em 2005.

Foi homenageado pela UFRJ em 2009 em um seminário pela anistia, em 2024 com a medalha Minerva, e com um totem no campus do Fundão e, nesta última semana, com a Diplomação Póstuma, cujo diploma ficará guardado juntamente com outras

lembranças de sua curta vida e sua longa morte. Digitalizei o documento para divulgação a todos os familiares e amigos. A importância destas homenagens, além de trazer um alento aos familiares, é manter latente a memória de verdadeiros patriotas que não mediram esforços para combater e denunciar um regime de exceção. Estas homenagens refletem uma busca por justiça, porém sem o alcance primordial, que é a punição dos culpados, diretos e indiretos, por todas as atrocidades.

MÔNICA FONSECA, Professora aposentada da PUC Minas, irmã de **Adriano Fonseca**



Eu e o Adriano tínhamos uma diferença de quatro anos. Ele nasceu em 1945, eu em 1949. Tenho

uma memória muito intensa do Adriano, um rapaz estudioso, sério nas atitudes, mas, ao mesmo tempo vivo na sua juventude. Muito engajado nas questões culturais, responsável demais, apesar de muito jovem. Adriano foi assassinado aos 27 anos, na região do Araguaia, em uma emboscada do Exército, em 1973. Seu corpo nunca foi encontrado.

Há 50 anos, nós da família lutamos por reparação e justiça. Assim, essa homenagem da universidade onde ele estudou, apesar de ter demorado tanto, foi importante e justa no reconhecimento e denúncia dos crimes cometidos pela ditadura de 1964, contra o povo em geral e sua

juventude em particular.

Nossa família é de Minas Gerais. Moro em Belo Horizonte, meu outro irmão, em Ponte Nova. Do núcleo familiar formados por nossos pais, somos os dois irmãos sobreviventes. Não poderia deixar de comparecer, uma vez que reconheço a importância, o significado e a necessidade dessa reparação e da denúncia dos horrores que sofremos.

Não havia outro familiar comigo, estava apenas eu. Acompanhavam-me amigos de Ponte Nova, que produzem um documentário sobre o Adriano e uma ex-aluna da UFRJ, que o conheceu e foi sua amiga.

Vou emoldurar o diploma e colocá-lo na “galeria” de retratos da família, que fica no corredor que dá acesso aos quartos, na casa dos nossos pais, onde nascemos, que ainda existe, plena de memória!

FELIPE NIN, Arquiteto e urbanista, sobrinho de **Raul Amaro**



Nasci 15 anos depois da morte do meu tio. Meu pai, em 1971, quando o Raul morreu, tinha

de 18 para 19 anos. O Raul era o mais velho de nove irmãos. A família não pôde chorar a morte. O enterro dele foi cercado por agentes do DOPS.

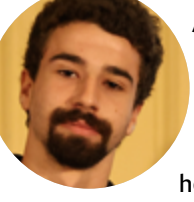
Entre 2012 e 2013, eu, meu irmão Raul Nin Ferreira e o colega Marcelo Zelic, do Grupo Tortura Nunca Mais de São Paulo, fizemos uma pesquisa nos documentos do caso dele e publicamos um livro. Ou seja, embora não o tenha conhecido, tive a oportunidade de falar com diversos amigos, com a

namorada, com meus tios e pude ter esse intenso contato com a história dele.

O Raul era muito inteligente. Formado em Engenharia Mecânica pela PUC-RJ, mas muito interessado por Economia. Trabalhava no Ministério da Indústria e Comércio. A principal atuação dele à época, que o levou à prisão e à tortura, foi a contribuição que fazia para os panfletos e jornais do MR-8 em artigos de análise econômica.

É sempre emocionante receber essas homenagens em nome do Raul Amaro e estar ali com outros familiares que passaram por trajetórias parecidas. Tirei uma foto do diploma, enviei para a família e ficaram todos muito felizes com a preocupação da universidade em preservar essa memória. Vamos enquadrar o diploma e guardar com muito carinho.

MATIAS ROQUE, Estudante de Cinema na USP, filho de Tatiana Roque e neto de **Lincoln Roque**



Ao longo da minha infância, sempre ouvi as pessoas falando que ele era um

herói, que era muito inteligente. Como nunca o conheci, fiquei feliz de poder ter entrado em contato com essa parte da história. Fiquei orgulhoso de poder receber este diploma após tanto tempo, como um reconhecimento da universidade sobre a importância da luta dele e de tantas outras pessoas. É a resistência que vai impedir a gente de viver situações como a ditadura de novo.

INSTALAÇÃO ARTÍSTICA HOMENAGEOU VÍTIMAS

Ao lado do salão nobre onde aconteceu a diplomação póstuma de estudantes e professores vítimas da ditadura, uma delicada instalação artística chamou a atenção de todos que chegavam. Vinte e seis lanternas feitas com sacos de papel e velas em seu interior destacavam os nomes de todos os homenageados.

“A chama cria uma luminosidade que possibilita esse contraste, onde o nome aparece com mais evidência”, explicou o criador da instalação, o professor Pedro Meyer, da Escola de Belas Artes. “E a vela, por outro lado, também está muito associada a uma dimensão espiritual”, completou.

A obra batizada como [Lembra] – assim mesmo, entre colchetes – foi exposta pela primeira vez em 2024, em frente à Faculdade Nacional de Direito, por ocasião dos 60 anos do golpe militar. “Desde então, venho fazendo essas instalações de lanterna em locais e eventos de memória das vítimas da ditadura”, afirma Meyer. O trabalho já foi levado até a região do Araguaia, onde foram assassinados alguns alunos da universidade, durante o regime.

Para o professor, o trabalho também se relaciona à luta pelo reconhecimento

da violência coletiva sofrida pela Escola de Belas Artes durante o período autoritário. “A EBA foi expulsa da Cinelândia e jogada na ilha do Fundão de forma arbitrária. Docentes e estudantes foram retirados do circuito de artes do Centro do Rio”, contou Pedro, que integra as comissões da Memória e Verdade da unidade e da UFRJ.

PINTURA ÚNICA

No dia 9 de setembro, uma homenagem específica ganhou espaço ao lado das lanternas: o fac-símile de uma pintura feita pela estudante Ana Maria Nacinovic, da EBA, assassinada pela repressão em 1972. O trabalho, presente de casamento para uma amiga de Ana Maria, chegou ao conhecimento da comissão da EBA em 2023 e, até o momento, é a única tela conhecida da artista.

A obra é baseada na canção “Até Pensei”, de Chico Buarque, que cita um muro alto. “Com um detalhe assustador: veja o nome dela borrado. Talvez as pessoas tenham borrado com medo da repressão”, diz Meyer. “Uma pintura na parede da sua casa se torna um lugar de resistência. Assim a gente começa a dimensionar um pouco o que é o terror da barbárie ditatorial”.

O professor conta que a pintura pode



ARTE PRESENTE: lanternas e o quadro de Ana Nacinovic emocionaram o público

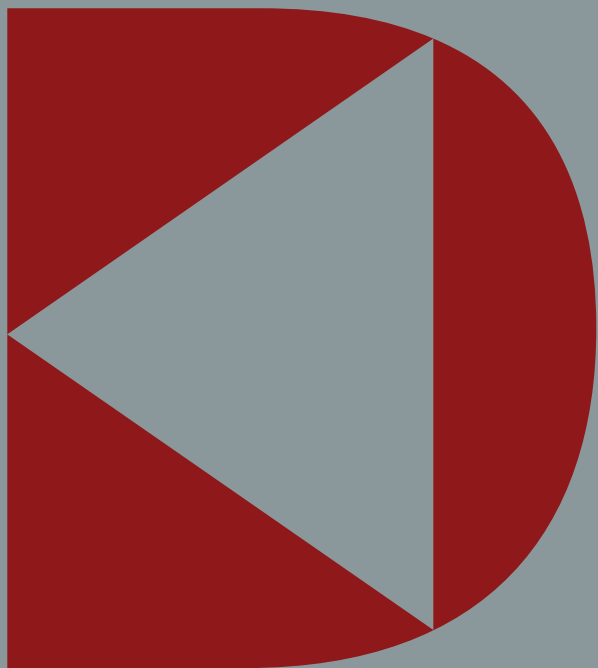
A UFRJ ▶ CONVIDA

REUNIÃO DE PROFESSORES COM A PR4

| 23 DE SETEMBRO | 10H |

**VENHA DEBATER TEMAS
IMPORTANTES PARA A CARREIRA
DOCENTE E O COTIDIANO NA UFRJ**

PRÉDIO DO CT, BLOCO E, AUDITÓRIO E-212



LITERATURA

O escritor Itamar Vieira Junior, autor do premiado Torto Arado (2019), visitou a Faculdade de Letras no dia 9. Conversou com professores e estudantes durante duas horas sobre suas obras, inspirações e motivações. Por fim, falou ao Jornal da ADUFRJ sobre as eleições. P. 6 e 7



THIAGO LINS

SUPLEMENTO CULTURAL DO JORNAL DA ADUFRJ. Nº 1.398 . 22.09.2026 .



ARTE: HIPPERTT

ELEIÇÕES

Plano do presidente Lula para as universidades é o melhor entre as candidaturas, mas poderia propor mais avanços, dizem especialistas. P. 05

05 a 09/10



FOTOS: ARQUIVO ADUFRJ

UFRJ FARÁ MAIOR SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA HISTÓRIA

A universidade promove a 15ª Semana de Integração Acadêmica (SIAC), considerada a maior congresso acadêmico da instituição. Durante cinco dias, estudantes, pesquisadores, docentes e o público poderão conhecer de perto os resultados de pesquisas, projetos de extensão e iniciativas de ensino desenvolvidos em todas as áreas do conhecimento.

Neste ano, a SIAC bateu um recorde histórico de participação, com 7.910 resumos submetidos, mais de mil trabalhos a mais do que na edição anterior. Entre os temas em destaque na edição de 2026, estão pesquisas sobre regulação da inteligência artificial, educação regenerativa, sustentabilidade, inclusão e diversidade, cultura e inovação.

Além das tradicionais apresentações orais e em formato de e-pôster, a programação deste ano também reúne mais de 100 atividades gratuitas, incluindo minicursos, oficinas, instalações artísticas, exposições de vídeos e outras ações voltadas à divulgação científica e à troca de experiências entre diferentes áreas do conhecimento.

A SIAC acontece simultaneamente em todos os campi da UFRJ e é aberta a toda a comunidade interna e externa. Qualquer pessoa pode participar das atividades mediante inscrição no site siac.ufrj.br e receber certificado de participação.



Até 30/10 PRORROGADA CHAMADA PÚBLICA DA RÁDIO UFRJ

Foi prorrogada a chamada pública para seleção e veiculação de conteúdo da Rádio UFRJ FM do ano que vem. O prazo, que se encerraria dia 25 de setembro, agora vai até 30 de outubro. O edital pode ser conferido na aba “Chamadas Públicas”, em www.radio.ufrj.br.

14 e 15/10

20ª SEMANA CIENTÍFICA DO HESFA

A 20ª Semana Científica do Instituto de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (Hesfa) terá como eixo temático os cuidados intermediários em Saúde.

A programação reunirá conferências, mesas-redondas, workshops, apresentação de trabalhos científicos, experiências exitosas e atividades de extensão externas à comunidade, abordando a continuidade do cuidado na Rede de Atenção à Saúde (RAS), a transição entre os diferentes níveis assistenciais, a desospitalização segura, o envelhecimento populacional, as condições crônicas, a reabilitação, os cuidados paliativos, a atenção domiciliar e a coordenação do cuidado pela Atenção Primária à Saúde.

As inscrições podem ser feitas no site da unidade.

22/09



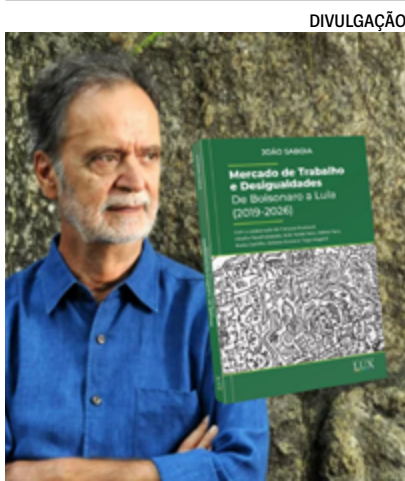
DIVULGAÇÃO

LANÇAMENTO DE LIVRO “A DEFESA DE SÓCRATES DE PLATÃO”

O professor Fernando Santoro, ex-diretor do IFCS e ex-dirigente da ADUFRJ, convida para o lançamento de seu mais recente livro: “A Defesa de Sócrates de Platão: um rito teórico (ou como dar à luz um filósofo clássico)”, publicado pela Nau Editora.

A obra reúne uma tradução inédita da Apologia de Sócrates - o mais famoso diálogo de Platão sobre o julgamento de Sócrates - em edição bilíngue, além de um ensaio acadêmico do autor, que interpreta o nascimento do filósofo clássico nas origens da democracia ateniense. O texto foi a tese de Santoro apresentada para a promoção a professor titular da UFRJ.

A noite de autógrafos acontece na próxima terça-feira, dia 22, às 19h, na Livraria Alento, na Rua Senador Vergueiro, 80, no Flamengo. O evento contará com um bate-papo com o filósofo e professor titular Luis Felipe Bellintani Ribeiro, além da participação artística de Luciana Coló e Verônica Filippovna.



DIVULGAÇÃO

29/09

LIVRO ANALISA TRANSFORMAÇÕES DO EMPREGO NO PAÍS

Professor emérito do Instituto de Economia da UFRJ, João Saboia lança sua nova obra que analisa as transformações do emprego, da renda e das desigualdades no Brasil nos últimos oito anos. O livro reúne artigos de conjuntura publicados pelo economista no jornal Valor Econômico. A noite de autógrafos está marcada para a Livraria Travessa, do Shopping Leblon, no dia 29 de setembro, às 19h.



OS PROFESSORES NÃO VÃO ESQUECER OS ANOS SOMBRIOS DE 2019-2022

O governo Bolsonaro tratou a universidade com desprezo e perseguição. A ADUFRJ relembra alguns desses momentos

A DEMOCRACIA ESTÁ EM JOGO NAS ELEIÇÕES DE 2026. Com ela, todas as instituições vinculadas ao desenvolvimento soberano do nosso país correm risco diante do avanço da extrema direita no cenário político nacional.

Desde sua fundação em 1979, ainda durante a ditadura, é missão da ADUFRJ derrotar o autoritarismo e construir um país pautado na justiça social, na democracia e no desenvolvimento.

Com essa compreensão, o sindicato apoia a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e defende a necessidade de eleger uma bancada legislativa progressista. “O desafio atual é derrotar a extrema

direita”, defende a professora Ligia Bahia, presidenta da ADUFRJ. “O projeto da extrema direita é a regressão a um passado idílico sem coletivo. Os alvos deles são as nossas instituições, são as universidades, porque nelas está o futuro. Para a extrema direita não interessa o futuro”, afirma a docente.

Em nome do compromisso com a democracia, o Jornal da ADUFRJ prepara a série “Recordar é votar (bem)” que compila dados e frases que nos lembram o que representou o governo Bolsonaro para as universidades federais, para a ciência e para o país.

Entre as frases do ex-presidente ou de integrantes de sua equipe, não poderia faltar a desastrosa “pérola”

do pior ministro da Educação da história, Abraham Weintraub, em 2019: “Universidades, em vez de procurar melhorar o desempenho acadêmico, estão fazendo balbúrdia.” Outro inesquecível é o ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, o mesmo que posou com toras ilegais e disse querer aproveitar a comoção em torno da covid para “passar a boiada” no afrouxamento das regras ambientais.

O pior de todos era o chefe, o presidente da República, o pai de Flávio, que, no meio da pandemia, simulou perversamente pessoas morrendo sem ar.

Não serão esquecidos. Votar bem é, antes de tudo, lembrar do passado para zelar pelo futuro.

NÃO SABE O QUE É A EBSERH

O desconhecimento sobre o sistema universitário no programa do candidato do PL transparece até em pequenos detalhes. Em determinado trecho, Flávio Bolsonaro diz que vai “fortalecer a Rede Nacional de Hospitais Inteligentes (EBSERH)”, modernizando os hospitais universitários federais”. A EBSERH, antigo nome fantasia da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares, agora se chama HU Brasil.

O PROGRAMA DO ATRASO

KELVIN MELO E SILVANA SÁ
comunica@adufjr.org.br

Em qualquer lugar do mundo, as universidades são valorizadas pela contribuição ao desenvolvimento de suas nações. Porém, ao longo das 76 páginas do documento intitulado “Para o Brasil vencer o atraso” registrado no Tribunal Superior Eleitoral com as propostas do candidato Flávio Bolsonaro (PL), a palavra “universidade” ou “universidades” aparece apenas cinco vezes. E nenhuma boa ideia.

A principal delas, de transferir a gestão das universidades federais do Ministério da Educação (MEC) para o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), gerou forte rejeição na comunidade acadêmica. O clima é de alerta contra o que consideram uma tentativa de desorganizar o sistema educacional e subordinar o conhecimento científico à lógica do mercado.

Para a presidenta da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Francilene Procópio Garcia, a iniciativa revela um “desconhecimento profundo” sobre o funcionamento das instituições e sobre a própria Constituição Federal, que estabelece a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com a pesquisadora, limitar a universidade ao fomento da inovação industrial ignora sua função central na sociedade. “A universidade, para além da pesquisa, forma médicos, engenheiros, juristas, artistas e tantos outros profissionais”, pontua Francilene.

A dirigente acredita que a mudança de eixo das universidades prejudicaria também a formação docente no momento em que se defende a melhoria da educação básica. “Quem forma a grande maioria dos professores que atuam na educação básica são as universidades”, reforça.

“As licenciaturas, a formação continuada de docentes e a própria pesquisa sobre as temáticas de educação estão nessa cadeia. Como é que você separa administrativamente a formação dos professores da política da educação básica?”, critica.

Presidente do Andes, Claudio Mendonça, docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), considera que a proposta de Flávio remonta a um projeto que começou

a ser implementado por seu pai. “É preciso lembrar o que representa a família Bolsonaro para as universidades. Logo no primeiro ano, Jair Bolsonaro cortou o orçamento das universidades e tentou aprovar o Future-se, que dialoga diretamente com essa proposta em questão”, recorda. “O que Flávio expressa é uma tentativa de retomar um projeto que derrotamos”, afirma.

Mendonça lembra que é das universidades públicas que saem pesquisas, monitoramentos e projetos que buscam solucionar problemas sociais e ambientais graves. “Por exemplo, num contexto de aquecimento global, como você subordina as pesquisas a empresas extremamente poluidoras?”, questiona. “A UFMA fica numa região que tem o ar mais poluído da ilha. Quem tem feito estudos, monitoramentos, quem tem pressionado o poder público e busca a melhoria da qualidade de vida das populações que vivem nesse entorno é a universidade”, revela.

FINANCIAMENTO DIRECIONADO

A tese de que a produção acadêmica deva focar prioritariamente no “impacto produtivo” e na transformação de pesquisas em mercadoria rápida também é severamente criticada. “Por séculos, matemáticos estudaram os números primos por pura curiosidade, não serviam para nada. Hoje, eles são a base da criptografia que permite a segurança na internet”, exemplificou a vereadora Tatiana Roque, professora do Instituto de Matemática.

Ex-secretária municipal de C&T, a vereadora também destacou que o veneno da jararaca que, num primeiro momento não tinha aplicação, se tornou o captopril, um dos remédios de pressão mais utilizados do mundo. “Ciência básica é o que parece inútil hoje, mas muda o mundo amanhã. A ciência não pode estar a serviço do mercado, tem que estar a serviço do futuro”, afirma.

Professora Titular da Faculdade

de Educação, Libânia Xavier concorda que a lógica da pesquisa científica é oposta ao imediatismo do mercado. “Vincular a pesquisa científica ao setor produtivo significa torná-la dependente de interesses privados, submetê-la aos ditames do mercado que visa o retorno imediato e negligencia o interesse público”, afirma.

Para a docente, a área mais afetada seria a que congrega as Ciências Humanas. “Há pesquisas, nessa área, que visam compreender os mecanismos de exclusão social, assim como apresentam elementos para a formulação de políticas públicas promotoras de inclusão e acolhimento de pessoas e grupos vulneráveis”, exemplifica. “Tais pesquisas não visam o lucro e sim o bem estar da população. Só mesmo um governante de visão estreita, que acha que tudo se resolve pelo lucro e pela satisfação do mercado, é capaz de apresentar uma proposta deste tipo.”

Outro ponto que desperta apreensão é a ausência de referências ao Plano Nacional de Educação (PNE) no texto da proposta, além da intenção de atrelar o financiamento público à “formação para o emprego que existe”. “Se o candidato não mencionou o PNE, é provável que ele e sua equipe não tenham ideia do que seja esse instrumento ou desconsiderem a sua importância”, conclui.

SILVANA SÁ
silvana@adufjr.org.br

O plano de governo apresentado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT ao quarto mandato, ainda é o melhor dentre os programas dos principais presidencialistas para as universidades federais. Mas propõe poucas novidades, na visão de especialistas. Um dos problemas é o foco continuado na expansão das universidades federais, enquanto as existentes enfrentam graves problemas com financiamento insuficiente e infraestrutura precária. O plano prevê a criação de 111 novos institutos federais e campi universitários.

“A leitura do programa não me deixa otimista. Considero incompleto”, afirma o professor Carlos Frederico Leão Rocha, diretor do Instituto de Economia. “Sob o ponto de vista econômico, não acho que haverá um relaxamento orçamentário. O orçamento disponível para gastos discricionários é muito reduzido. Também estamos pressionados nos gastos obrigatórios, então temos pouca possibilidade de manuseio do orçamento para os próximos anos”, analisa o docente.

Diante do quadro, o professor argumenta que é hora de fortalecer a rede universitária já existente. “Não está na hora de expandir as universidades, porque estão todas saturadas. São 12 anos sem investimentos substantivos”, afirma Fred. “Essa diretriz de expandir sem focar na infraestrutura trará muitos prejuízos para as instituições”, acredita o professor. “Vamos passar mais quatro anos iguais aos últimos quatro anos”, critica.

Leão Rocha também acredita que o papel relegado à ciência no programa de governo petista é menor do que seu potencial. “A ciência está subordinada ao Complexo de Saúde e à indústria. Não há problema em fazer essas articulações, mas, para isso, é necessário mudar o funcionamento das universidades”, defende. “É preciso rever a relação das universidades com as fundações, estimular a captação de recursos do setor produtivo. Além disso, é preciso saber como incentivar setores cujos saberes não se adaptam a essa lógica. A universidade é muito diversa”.

O docente defende, no entanto, alguns pontos. “Há coisas que são estruturantes, como, por exemplo, as fundações de amparo e o Fundo Nacional para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT). A sinalização de não contingenciamento do fundo é algo muito importante. São sistemas que trazem recursos relevantes para as universidades”, analisa. O docente argumenta, no entanto, que são recursos específicos para pesquisa, que não podem ser usados para a manutenção das instituições. “Eles vão para o CPF do pesquisador, não para o CNPJ da universidade. Além de não serem direcionados para as necessidades da universidade, criam mais gastos quando geram nova infraestrutura de pesquisa que

precisa de manutenção”.

Ao mesmo tempo, a estrutura orçamentária existente permite o contingenciamento de recursos extras captados pela instituição. “Não somos incentivados a interagir mais com o setor privado. Precisamos de mais liberdade do que o Marco de C&T delimita. O recurso próprio da universidade cai em uma conta que pode ser contingenciada”, exemplifica. “Em resumo, para a Educação, o programa é mais do mesmo. E ter a C&T distribuída entre saúde e setor produtivo é o abandono da ciência básica brasileira”, conclui o pesquisador.

Integrante do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social do primeiro governo Lula, o professor Muniz Sodré concorda com Fred sobre o foco equivocado na criação de mais instituições federais de ensino. “O entendimento tradicional do PT é o de construir mais universidades. O Lula fez uma coisa muito importante, que foram os institutos técnicos, mas não creio que criar mais universidades seja a solução agora”, acredita. “Para mim, as universidades existentes devem ser fortalecidas. A UFRJ, por exemplo, tem projetos importantíssimos para o país, tem os melhores professores, e está no nível da Unicamp e da USP. Precisa de mais investimento em sua infraestrutura e de pesquisa”, defende o professor emérito.

Para Muniz Sodré, é preciso investir em um modelo previsível e consistente de financiamento para as IES. “É preciso criar uma estrutura de manutenção: de equipamentos, de infraestrutura e com verbas manejáveis para investir nas necessidades com autonomia”, afirma. “Hoje, é muito perigoso dirigir o orçamento público; é um sistema feito para pilantra se dar bem

e honesto se dar mal”, diz.

O docente também defende mudanças internas na cultura institucional e na estrutura burocrática das universidades públicas brasileiras. “A universidade precisa fazer uma reforma administrativa interna e racionalizar a sua burocracia. Além disso, as formas de mediação com a sociedade precisam ser reformuladas”, afirma.

RETORNO DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRA

Na última semana, Lula anunciou o retorno do programa Ciência sem Fronteira (CsF). Criado em 2011 no primeiro governo Dilma, o programa vigorou até 2017 e foi encerrado na gestão Temer. A iniciativa não está detalhada no programa de governo registrado pelo PT no TSE, mas o anúncio da retomada chama atenção da comunidade científica. “O Ciência sem Fronteiras foi um programa importante, mas eu acho que teve alguns problemas. Um deles é que não houve avaliação de resultados”, aponta o professor Jerson Lima Silva, ex-presidente da Faperj. “Outro problema, na época, foi seu dimensionamento. O Brasil poderia tê-lo implantado de forma mais gradativa”, analisa. “Também acho que faltou colocar mais ênfase nos programas já consolidados, como a iniciação científica”.

Para o docente, é importante que haja uma reestruturação do programa. “Precisa ser um programa muito bem estruturado, com maior participação da comunidade científica, da ABC, da SBPC, do setor da inovação. Nós temos uma ciência tão consolidada, tão forte, temos que ter uma participação mais ativa”, afirmou Lima Silva. “Na primeira versão do programa, a comunidade científica ficou mais à margem desse processo”.

Tudo isso, para Jerson, conectado a um sistema de fomento de bolsas, de auxílios, de melhoria da infraestrutura das universidades e com recursos. “A gente sabe que tem espaço para ter mais investimento em ciência, mais editais universais com valores maiores, mais apoio aos jovens pesquisadores. Comparado com o que era com o governo anterior, já houve uma melhora significativa. Ainda assim, é preciso mais financiamento. Há muito o que fazer.”

LULA 4 MANTÉM FOCO NA EXPANSÃO UNIVERSITÁRIA

UNIVERSIDADES

1. Expansão e Interiorização

- Continuidade da expansão da rede federal de ensino superior, com 111 novos campi e interiorização.
- Ampliação da pós-graduação, com foco em regiões pouco atendidas.
- Criação de novos hospitais universitários e articulação com programas de formação de especialistas.

2. Financiamento e Infraestrutura

- Restabelecimento e ampliação do orçamento das universidades para custeio e investimento.
- Continuidade do programa Novo PAC destinados a obras em universidades.
- Reajuste das bolsas.

3. Acesso e Permanência

- Fortalecimento da assistência estudantil (alimentação, moradia, permanência).
- Políticas de cotas aprimoradas, incluindo reserva para quilombolas.

FINANCIAMENTO

1. Recomposição de Recursos

- Recuperação dos pisos constitucionais da educação e saúde.
- Continuidade do arcabouço fiscal.
- Uso do FNDCT (Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) sem contingenciamento para apoiar pesquisa e inovação.

CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

1. Fomento à Pesquisa e Inovação

- Fortalecimento dos instrumentos de apoio à indústria e à inovação, com financiamento direcionado, compras públicas e parcerias público-privadas.
- Integração das políticas industrial, científica, tecnológica e de inovação para a possibilitar a soberania tecnológica.

2. Atração e Fixação de Talentos

- Programa Conhecimento Brasil para repatriação e fixação de pesquisadores brasileiros.

3. Digitalização e Inteligência Artificial

- Desenvolvimento de infraestrutura computacional nacional e modelos de IA em português.
- Expansão do 5G, com prioridade para regiões menos atendidas.

4. Indústria 4.0 e Sustentabilidade

- Incentivo a setores de alta e média intensidade tecnológica, minerais críticos e tecnologias verdes.
- Plano de Transformação Ecológica para mobilizar financiamento público e privado em projetos sustentáveis e inovadores.



‘NENHUMA OBRA SE ENCERRA EM SI MESMA’

Vencedor do Jabuti esteve na UFRJ para uma conversa na Faculdade de Letras

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

Uma atenta plateia formada por estudantes e professores da Faculdade de Letras acompanhou com encanto a palestra do escritor Itamar Vieira Junior, autor do premiado Torto Arado (2019), primeiro livro da trilogia que inclui Salvar o Fogo (2023) e Coração Sem Medo (2025). Convidado pela Livraria Machado & Cia, conversou durante duas horas sobre suas obras, sua trajetória intelectual e criativa, suas inspirações e motivações, no último dia 9. “Escrevo porque tenho algo a escrever e não porque esperam que eu escreva”, disse, despidendo-se de qualquer vaidade sobre o ofício. “Tudo aquilo que me interessa também atravessa o que eu escrevo. Se eu escrever porque alguém quer, deixarei de ter algo interessante a dizer”, explicou. O baiano de Salvador se tornou geógrafo antes de ser escritor. O trabalho de campo em geografia moldaram o romance Torto Arado e a Trilogia da Terra. “A vivência no campo transformou a minha escrita. Me deslocar para a Chapada me revelou um novo Brasil. E a história que eu queria contar aos 16 anos ganhou um novo sentido para mim”, revelou. O livro Torto Arado, vencedor do Jabuti, será o enredo de 2027 da escola de samba Unidos de Vila Isabel. “Gosto de pensar que nenhuma obra literária se encerra em si mesma. A história pertence aos leitores”, disse, ao ser perguntado se influencia em releituras e adaptações. “Cada um tem seu repertório, a partir do qual faz sua leitura. É um ecossistema”. Veja algumas das reflexões do autor:

O ENCONTRO ENTRE A PESQUISA E A LITERATURA

A literatura surge antes da pesquisa na minha vida. Eu comecei a escrever muito cedo, mas não sabia muito bem o que fazer com aquilo. Não me imaginava escritor, nem achava que isso seria uma parte importante da minha vida, mas eu sentia prazer em escrever, ainda sinto prazer. Eu acho que isso marcou a minha experiência. Depois, chega esse momento que temos que escolher o que vamos ser. E escolhi fazer geografia. Fiz graduação, mestrado e doutorado na Universidade Federal da Bahia.

Ingressei no doutorado para fazer um estudo abrangente. Passei muito tempo na Chapada Diamantina, com algumas comunidades ali daquela região. Quando eu cheguei à Chapada, vi um mundo novo. Sou baiano, mas nasci na capital, conhecia no máximo ali o Recôncavo da Bahia e me deslocar para a Chapada me revelou muita coisa nova. Fiquei muito impressionado com essa experiência. Eu já tinha tentado escrever anos antes, né? E a história voltou, nesse momento. Aquela história, que eu havia tentado contar aos 16 anos, ganhou um novo sentido para mim.

GEÓGRAFO, ESCRITOR E LEITOR

Foi esse encontro que me permitiu imaginar, criar essa história. Sempre me pergunto o que há de real e imaginário. A leitura social daquele mundo, daquela comunidade, o fato de não poderem construir casa de alvenaria, as relações de trabalho, tudo isso eu descobri na pesquisa, então tem um peso empírico muito forte. E tem muita coisa que é a imaginação: a história das personagens, a relação entre elas, o fato de uma personagem não humana na última parte da história. Mas tudo o que está na imaginação também, em algum momento, foi pensado a partir da vida real.

Quando eu tentei escrever a primeira versão, eu era muito jovem, estava concluindo o ensino médio, e muito tocado por uma literatura que falava do Brasil de uma maneira nova. Já estava publicada há muito tempo, mas era algo diferente. Falo em particular do ciclo da literatura modernista, da geração de 30, de autores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos. Essas leituras me impactaram de tal forma que eu me

senti instigado, provocado a escrever. É claro que eu não tinha maturidade ainda. Eu acho que a maturidade veio com a minha formação intelectual, com meus estudos em geografia, em sociologia, antropologia.

TORTO ARADO NOS PALCOS E NO CARNAVAL

Eu não tento acompanhar essas releituras com o propósito de intervir. Acho que são linguagens distintas. Eu não sei nem se eu domino a linguagem literária. Eu sempre estou experimentando, criando, pensando de uma maneira nova. E o carnaval é uma linguagem que eu não domino. A dramaturgia musical da mesma maneira. Nessas experiências, me deparei com pessoas habilidosas, qualificadas, que tentam manter o espírito da história, mas que têm liberdade para imaginá-la e transpô-la para a linguagem que precisa existir.

Eu gosto de pensar que nenhuma obra literária está fechada, nem se encerra em si mesma. A cada leitura, há a possibilidade de ser interpretada de uma maneira diferente, porque cada leitor tem um repertório. Eu acho isso maravilhoso. Cada um vai extrair dali identificações, interpretações e tudo isso é parte de um ecossistema. A gente costuma colocar muito foco no criador e na criatura, no escritor e na história, e pouca luz sobre os leitores. Eu acho que o leitor é uma parte importantíssima desse processo.

O JARÉ

Quando viajei para a Chapada, descobri algo novo, algo muito brasileiro, porque muito do que se fala sobre essas religiões institucionalizadas veio de fora. Chegando na Chapada, eu vi uma coisa que era muito brasileira, porque não era exatamente uma religião de matriz africana, mas também não era o cristianismo. Era uma mistura de tudo isso, de xamanismo, e que tinha ali como a figura central o curador, a curadora. Uma religião que pensava o corpo e o espírito de uma maneira integrada.

Fui entendendo que aquilo não era apenas uma prática cultural ou social daquelas pessoas; era algo que organizava as relações de parentesco, as maneiras de viver. Quando eu fui me dando conta disso, o Jaré ganhou um papel central na minha pesquisa. Não existia muita coisa escrita

sobre e eu encontrei uma oportunidade muito interessante de apresentar uma história a partir de um novo olhar.

Eu queria fazer um movimento diferente, que era convidar o leitor para deixar suas crenças, suas convicções à parte para que pudessem mergulhar nessa história e fossem capazes de olhar o mundo a partir da perspectiva que as personagens apresentam. A leitura ficcional conserva essa dimensão subjetiva da vida, essa dimensão afetiva que muitas vezes a academia, a ciência, em particular, não considera.

DE TORTO ARADO A CORAÇÃO SEM MEDO

Eu não sei se é porque eu estudei geografia e a geografia me interessa, mas eu costumo pensar a paisagem de uma história. Eu gosto de pensar no mundo vivo. Que bom seria se a personagem tivesse um encontro importante e estivesse fazendo sol e, de repente, abre a porta e encontra a chuva caindo? Traz uma complexidade à história que muitas vezes é pensada a partir da personagem, mas nunca a partir da paisagem que a cerca. Fazer essa migração não foi algo difícil, acho que foi orgânico. Eu entendia que a história seguiria esse caminho. Torto Arado se passa na Chapada Diamantina, na Fazenda Água Negra, que está entre dois rios: o rio Utinga e o rio Santo Antônio. Esses rios têm uma importância vital para as personagens. Esses dois rios são afluentes do Paraguaçu, que também nasce lá na Chapada.

O rio Paraguaçu é a paisagem do segundo romance [Salvar o Fogo], tem uma relação intensa com as personagens. É uma história que se passa no Recôncavo, onde esse rio é muito caudaloso, e deságua na Baía de Todos-os-Santos, que banha Salvador – onde se passa a terceira história [Coração Sem Medo]. O rio, a água, é a metáfora do tempo da história.

Esse deslocamento do campo pra cidade só foi possível porque tive a experiência no campo e na cidade. O terceiro romance trata daqueles que foram desterrados que vão parar na cidade e encontram um território em disputa que não pode ser habitado por igual, onde têm que se confrontar com uma violência organizada fora da lei e com uma violência que vem do Estado. Foi nesse contexto que a história surgiu e cresceu.



FOTOS: THIAGO LINS

‘A ESPERANÇA DEVE PRIORIZAR A EDUCAÇÃO’

AO JORNAL DA ADUFRJ, ITAMAR VIEIRA JUNIOR comentou o cenário político e fez um desabafo sobre a ausência de debates estruturais nas campanhas eleitorais brasileiras. O autor argumenta que a constante necessidade de defender a democracia acaba por invisibilizar pautas essenciais, como a reforma agrária e o combate ao trabalho análogo à escravidão. Ele aponta a educação e a arte como caminhos para a construção de um projeto de país a longo prazo.

■ **Jornal da ADUFRJ** - Um dos temas que o senhor trata, tanto como geógrafo quanto como escritor, é o direito à terra. O senhor considera que isso tem sido debatido nessa campanha eleitoral?

● **Itamar Vieira Junior** — Não tem sido debatido. Acho que a gente tem, já há algum tempo, vivido um momento atípico. Não se discute mais um projeto de país. O que virou pauta prioritária é importante, mas termina que ofusca aquilo que precisa ser discutido. A pauta permanente tem sido a defesa da democracia, mas o país tem caminhado perigosamente para um lugar onde não há projeto de futuro.

● O que fazer diante desse cenário?

● Há temas que não envelhecem. A regularização fundiária é um deles. Ainda há muito por fazer. Há um embate grande entre as grandes corporações, o Estado e as pessoas que realmente precisam. Há um desequilíbrio que repercute de muitas maneiras em nossa vida, do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista ambiental. Não há vida sem terra. A gente ainda precisa, para a segurança alimentar, estimular a reforma agrária, plantar, colher.

É um país de quase 210 milhões de habitantes. De que maneira a gente pode garantir a segurança alimentar dessas pessoas se não cuidarmos de tudo isso?

■ **Também há uma negação ao direito à moradia, não?**

● Isso também passa pelo direito à cidade. A alta dos imóveis, dos aluguéis, tem criado uma legião de pessoas que não consegue mais ter um direito humano tão fundamental, que é habitar, ter uma casa, ter um teto.

■ **Esse é um debate interditado propositalmente por algum campo ideológico ou essa dificuldade se deve à conjuntura política?**

● Tem as duas coisas. Como existe essa divisão tão permanente da sociedade, termina que a um lado não interessa discutir essas propostas. E quem poderia fazer isso vive numa eterna defesa da democracia, do direito do voto, de que as eleições não sofram interferência. O que realmente importa vai para debaixo do tapete. Vejo que há as duas causas, na verdade.

■ **E tem algum caminho para que a gente**

consiga furar o bloqueio desses temas? A arte pode ser esse caminho?

● Eu acho que a arte nos ajuda a refletir, a pensar, a transgredir. Também não é um projeto de curto prazo, isso não vai acontecer amanhã. Há uma boa intenção de muitos para fazer da educação uma prioridade, mas ao mesmo tempo existem as forças contrárias que vão nos empurrando para o outro lado. Isso não é nada novo, é a história humana, mas é de fato desgastante, nos decepciona. Há um grande desinteresse das pessoas atualmente no processo eleitoral. Costumamos culpar as pessoas por não tomarem partido ou por não quererem participar, mas é preciso entender que as pessoas não têm encontrado motivações para participar ativamente desse processo.

■ O que será que nos falta para caminhar com ruas cheias, com esperança engajada?

● Eu acho que o conhecimento liberta, e a gente só pode chegar ao conhecimento através da educação. Não há atalhos. Essa esperança acho que deve priorizar este projeto de educação, porque ele de fato vai garantir os meios para que a gente possa cuidar do país de uma maneira adequada.

o professor Felipe Machado, que também participou da mesa com o autor. “É uma satisfação muito grande para a gente”.

Organizadora do evento, Marta Lemos, da Livraria Machado & Cia, conta que o objetivo de realizar atividades desse porte é permitir o diálogo entre estudantes e autores consagrados fora dos circuitos tradicionais de literatura. “Muitos estudantes, inclusive, não têm condições de ir a feiras literárias em outros estados ou em outras cidades”, pondera.

FICHA DE OBRAS

DIAS
Editora: Caramuê
Publicações
Ano: 2012
É o livro de estreia do autor no mundo literário. Reúne narrativas curtas que exploram a vida de personagens à margem da sociedade, lidando com solidão, perdas e busca por identidade.

A ORAÇÃO DO CARRASCO
Editora: Morongo
Ano: 2017
O livro de contos consolidou o estilo do autor antes do sucesso de seus romances. O enredo foca na vida de personagens do Nordeste brasileiro, misturando realismo e lirismo para falar sobre violência, religiosidade e sobrevivência.

TORTO ARADO
Editora: Todavia
Ano: 2019
O romance mais famoso do autor é vencedor dos prêmios Jabuti e Oceanos. É o primeiro livro da Trilogia da Terra. Duas irmãs no sertão baiano, Bibiana e Belonísia, encontram uma faca antiga e um acidente muda suas vidas para sempre, conectando-as à luta pela terra e à herança da escravidão.

DORAMAR OU A ODISSEIA
Editora: Todavia
Ano: 2021
Coletânea que reúne contos novos e histórias de seus primeiros livros. Traz narrativas sobre o Brasil profundo, destacando o passado colonial, a ancestralidade indígena e afro-brasileira, e a força das mulheres.

SALVAR O FOGO
Editora: Todavia
Ano: 2023
Segundo romance da trilogia. Ahistória apresenta a protagonista é Luzia do Paraguaçu, uma mulher com poderes de cura que vive no interior da Bahia. A trama mostra os traumas de uma família e os conflitos com a Igreja Católica pelo domínio das terras.

CHUPIM
Editora: Balão
Ano: 2024
Primeiro livro infantil do autor. Através dos olhos do menino Julinho, a obra mostra a rotina do trabalho no campo e faz uma metáfora com o pássaro chupim, que bota ovos no ninho de outras aves. Vencedor do Prêmio FNLIJ Ofélia Fontes, de melhor livro para crianças.

CORAÇÃO SEM MEDO
Editora: Todavia
Ano: 2025
O livro que encerra a Trilogia da Terra. Acompanha Rita Preta, uma mãe que vive na periferia de Salvador em uma busca desesperada pelo filho desaparecido. A obra trabalha violência urbana, direito à cidade, racismo e desigualdade.



A ADUFRJ lança campanha Professores da UFRJ com Lula. Insistimos no desenho de coração porque seguimos acreditando que o amor vence o ódio e que os tempos de ódio destroem a democracia e o conhecimento. Entendemos que o que está em jogo é a nossa soberania, a sobrevivência das nossas instituições de ensino e pesquisa e a nossa dignidade.



Venha fazer parte desse movimento em apoio à reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. É hora de unir forças para derrotar a extrema direita. É nossa tarefa defender a democracia e lutar contra o obscurantismo que tomou conta de setores da política e da sociedade.

A universidade vai seguir como trincheira de resistência ao negacionismo e de defesa do pensamento crítico, da ciência, dos direitos humanos. Nossos campi serão tomados pela força coletiva dessa mobilização.

Teremos banquinhas com nossos adesivos e camisetas para mostrar que somos muitos e que vamos ajudar a manter o Brasil no caminho da democracia e da justiça social. Venha participar. No dia 1º de outubro, faremos uma fotografia histórica, ao meio-dia, na escadaria do Bloco A do Centro de Tecnologia. PARTICIPE!

#ProfessoresDaUFRJcomLula